

Poemas de um poeta esquecido
Transfusão
Olho-te e olho-me... E, após, sobre nós ambos cismo...
Tua alma, como pôde a minha alma prendê-la?
És candura e inocência, e eu vou errando pela
noite negra do mal, da imperfeição, do egoísmo...
És pura e eu sou impuro. Entanto (o íntimo diz-mo)
nossa mútua afeição nada pode contê-la...
– Para o meu doido olhar és a atração da estrela.
– Ao teu ingênuo olhar sou a atração do abismo...
E havemos de fundir nossas almas, Querida.
E iremos, até soar da vida o último dobre,
como em dois corpos, vês? Uma alma bipartida...
Mas traremos, também, ao fim dos nossos dias,
– tu, um pouco do lodo imundo que me cobre,
– eu, um pouco da luz excelsa que irradias...

Aos meus

I
De uma raça de heróis é que eu provenho,
raça de heróis da luta humilde e obscura,
cujo nome eu levava a imensa altura
se me não fora parco e pobre o engenho...
Deles me vem o orgulho – que mantenho
vivo, no sangue, e que me transfigura –
de saber, sem curvar-me à desventura,
sofrer a dor como um sagrado lenho...
Todos, entanto, heróis de almas serenas,
foram caindo ao golpe formidando
da Morte, que é como um tufão que passa...
E, hoje, de toda aquela gente, apenas
restamos dois: meu Pai, que vai lutando,
e eu, que degenerei da minha raça...

II
E vem daí minha revolta. O fado
talhou-me para rude marinheiro,
porém desviou-me, a vida, do roteiro
que eu trouxera do berço já traçado...

T a s s o da Si lvei ra

E eu me tornei um mal-aventurado,
e do próprio infortúnio fiz-me o obreiro.
À minha alma, que anseia o espaço inteiro,
este meu corpo é um cárcere fechado...
E a saudade ancestral do mar sofrendo,

alma, que à própria derrocada assistes,
vai sucumbindo, lentamente, exangue...
Enquanto esta saudade vão dizendo
o verde-glaucos dos meus olhos tristes
e os ímpetos de vaga do meu sangue...

Lua...

Lua! Canção de mágoa, triste endeixa
de saudade, no azul do céu perdida...
Companheira dos que vão sós na vida,
dos que não têm quem lhes escute a queixa...
O teu frio palor na alma nos deixa
a tristeza profunda e comovida
de quando a alguém a eterna despedida
vamos levar, e um túmulo se fecha...
Errante e só pela infinita altura,
há milênios que vens, ó Lua triste,
iluminando a humana desventura..
E parece que em ti se congelaram
todos os ais de súplica que ouviste
e a ânsia dos olhos todos que te olharam...

Perfeição

A Nestor Victor

Doida escalada!... O olhar nevoento e baço
vou subindo a montanha... E, dia a dia,
mais incerto e mais trêmulo é meu passo,
mais a dúvida enorme me angustia...
Cada degrau vencido é uma agonia.
Sonho... mas para a altura ainda ergo o braço.
Sofro! – agudo punhal, lâmina fria,
com que eu mesmo, sorrindo, me trespasso...
Ah! Terei de rolar esse declive
que vim galgando, quase morto, exausto,
vendo perdido o meu esforço em vão?
Ou chegarei, à força que em mim vive,
lá no alto, mas erguendo em holocausto,
roto e a sangrar, meu próprio coração?...

Carne

A Andrade Muricy

Para purificar-me eu me faço o verdugo
de mim mesmo, e me obrigo ao cilício da dor.
Luta improfícua! Em vão minhas forças conjugo:
sou vencido na liça... O instinto é o vencedor...
Debalde eu me revolto e os ímpetos subjugo,

à explosão do desejo em vão tento me opor.
Alma! Tu sofrerás do corpo o eterno jugo,
curva-te para sempre ao domínio opressor!
Carne, que me tornaste um rastejante verme!
Ah! Pudera fazer-te impassível e inerme:
– brasa que se apagou, sombra, extinto clarão...
Carne, que matarás o sonho que me exalta!
Negra barreira a erguer-se, intransponível, alta
no caminho lustral da minha Redenção!...

Dante

A Lacerda Pinto

Alighieri! Eu compreendo o teu pesar insano,
e compreendo-o porque sofro do mesmo mal!
Turbilhona em minha alma o rugidor oceano
– como dentro em teu ser – de uma angústia imortal...
Conheço, como tu, todo o travor do humano
sofrimento, e bebi do veneno letal
do Sonho... E hei de, por fim, tombar, no último engano,
da Morte destruidora ao negro vendaval!
Entretanto, que abismo entre nós dois! Do anseio
que te oprimiu fizeste o Poema (glória a Ti!)
que teu nome a aclamar pelos séculos veio...
E eu, se tento dizer, num louco frenesi,
minha mágoa, – estremeço, hesito, titubeio.
e me exauro ao calor da chama que acendi!...

Pensamento

A Jackson de Figueiredo

Ah! Ventura de ser a pedra informe
que não sonha, não pensa, não cogita,
e dentro da mudez erma e infinita
do próprio ser eternamente dorme...
A dor suprema, o orgulho desconforme,
o ódio a sangrar, – tudo o que em mim se agita –
devo-o à centelha dessa luz maldita
que mais negra me faz a treva enorme...
O mal que dela nasce, o mal tremendo,
foi subindo... aumentando... foi crescendo,
e hoje minha alma toda inteira inunda...
E hei de ir em busca do Último-Momento,
vendo que se me torna o Pensamento
uma ferida cada vez mais funda!...

Formiga

A Pedro Schleder

É um minúsculo inseto: uma formiga.
Sem que ninguém lhe note a faina obscura,
vai construindo, elevando para a altura
o formigueiro – templo e lar – que a abriga.
No titânico heroísmo em que se apura,
não hesita, sequer. E não a instiga
o ardor da glória: nem a inveja e a intriga
incentivo lhe dão para a aventura.
Que alto exemplo de fé no próprio esforço!
Fosse um de nós, e, instante por instante,
do cansaço abatido à força bruta,
pararia, curvando a frente e o dorso,
a perguntar, de angústia palpitante,
qual a razão de ser daquela luta...

Passado

Sobre a amplidão desta água, em noites que passaram,
olhos no alto, a seguir as estrelas em bando,
eu escutei do Mar as canções que ficaram
por toda a minha vida em minha alma cantando...
Eu deixara na Terra olhos por mim chorando...
Foram mágoas cruéis as que me apunhalaram!
A terra era a alegria... Era a ventura... Ah! Quando
eu a perdi de vista, os meus olhos choraram...
E cisme: – é o passado essa longínqua praia
que foge mais e mais, e se perde, e desmaia
no longínquo horizonte, ao nosso triste olhar...
E vamos sem parar pela viagem da vida.
Porém, quanto maior é a estrada percorrida,
mais torturante na alma é esta ânsia de voltar.

Glória

A Laura da Fonseca e Silva

Luta e sofre... Na dor e na luta edifica
o templo do teu Sonho, a egrégia catedral.
Quanto mais alta for tua angústia, mais rica
de galas há de erguer-se a maravilha ideal...
Ouve apenas teu ser (o prêmio é de quem fica
mais só...) pois só de ti, do fundo de teu mal,
poderás escutar a voz que o rumo indica
à intangível região da Quimera imortal...
Nada esperes, porém, fora o gozo sublime

de haver criado; que a plebe, essa, quando a julgares
trêmula e comovida, entre íntimos clarões,
sem suspeitar, sequer, da dor que tua obra exprime,
pensará compensar-te atroando a terra e os ares
com o rugido infernal de mil aclamações...

Sonho

Poeta! Quando nasceste, a Terra, árida e estranha,
era um deserto imenso, um caos ermo e fechado.
A inexpressão enchia o espaço, lado a lado...
A alma, trêmula, ansiava a uma angústia tamanha!
Mas surgiste... E ao fulgor que ao teu gesto acompanha,
tudo se transformou... Vieras predestinado...
Fez-se um tesouro egrégio o alto Céu constelado,
uma epopéia o Mar, um símbolo a Montanha!
Mas nem sabes da luz de esplendores eternos
que semeaste... A fulgir, dos teus olhos escorre
o pranto... – Ah! Ser um Deus... O intangível ideal! –
Louco! Mas se és maior do que os deuses supernos...
Eles fizeram, vê, tudo o que passa e morre...
Tu criaste, no Sonho, a Beleza – imortal!...